

# Cenário Macroeconômico Abril/26



# COMENTÁRIOS DA GESTORA

## Breve Panorama Macroeconômico

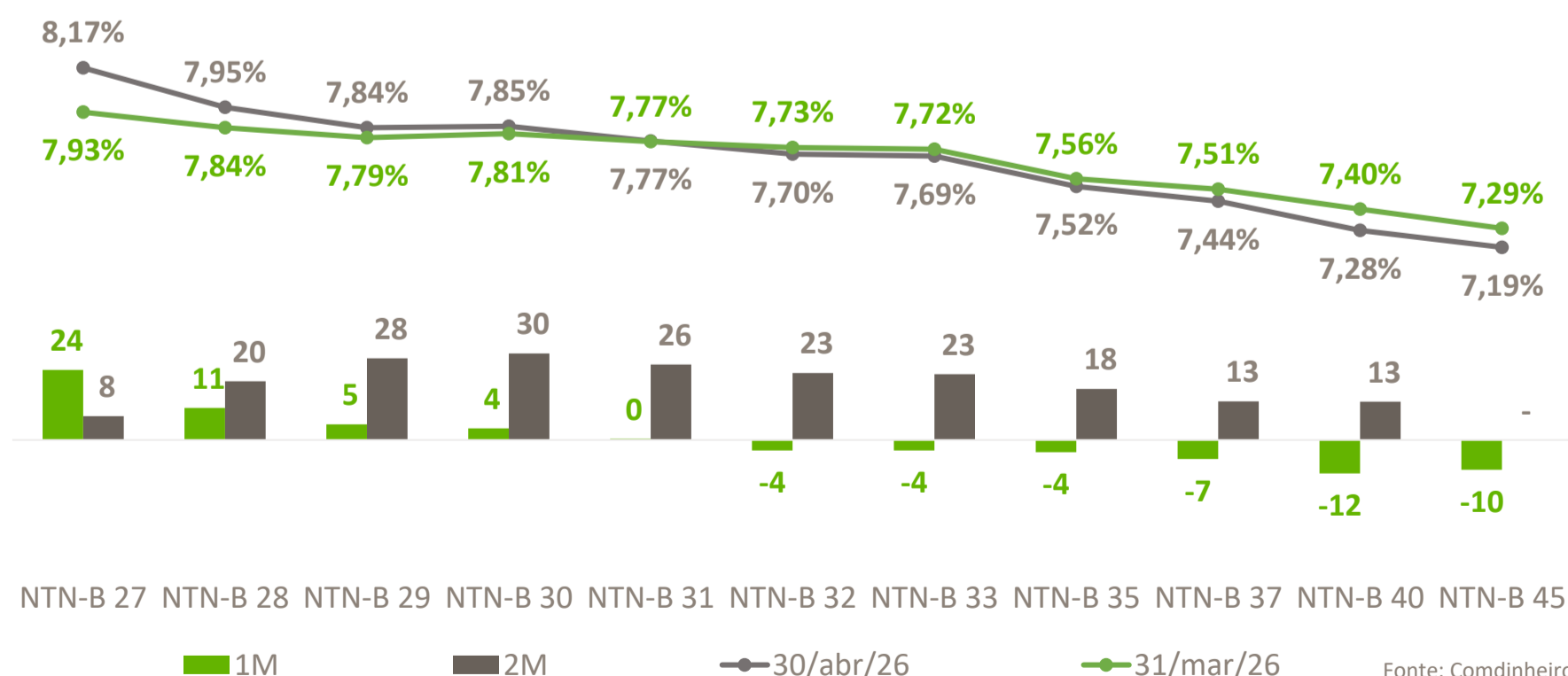
O mês de abril ficou marcado pela retomada do apetite ao risco, após temporada de bons resultados corporativos, mesmo diante de posturas consideradas *hawkish* pelos principais BCs globais, resultado da continuidade da guerra no Irã. Como esperado, tivemos manutenção da taxa de juros pelo Fed, BCE, BoE e BoJ, diante da preocupação com o cenário prospectivo inflacionário e elevado nível de incertezas globais. Por outro lado, também como esperado, tivemos nova redução da taxa Selic, porém, sem indicativos das próximas reuniões, como anteriormente. Balanços fortes e revisões de lucro levaram novamente a tecnologia e a IA ao centro das atenções no mercado americano, marcando uma forte valorização das principais bolsas em NY: S&P (+10,42%), Nasdaq (+15,29%) e Dow Jones (+7,14%), com renovações de recordes históricos para as duas primeiras bolsas.

No cenário doméstico, tivemos novo ingresso de capital estrangeiro de R\$ 3,1 bilhões na B3, elevando a entrada acumulada para R\$ 56,5 bilhões no ano. Apesar disso, os últimos sete pregões consecutivos registraram saída líquida, impactando o Ibovespa, em contraste ao sentimento de maior apetite ao risco no exterior, podendo ser atribuído à realização de ganhos (em dólares o ganho ainda está em quase 28%), fruto do primeiro bimestre particularmente forte diante do *global rotation*. No cenário macro, tivemos do lado positivo o IBC-Br de fevereiro, CAGED de março, produção industrial e confiança do consumidor, contrabalanceado por vendas no varejo, PMIs e piora na dívida líquida do setor público, aumentando de 65,5% para 66,8%.

O IPCA de março apresentou alta de 0,88%, bem acima das projeções (0,70%) e acumulando 4,14% em 12 meses. Já o IPCA-15 apresentou alta de 0,89% em abril, ligeiramente melhor do que esperado (projeções do mercado eram 0,95%), marcando alta de 4,37% no acumulado de 12 meses e aproximando-se do teto da meta do BC. O boletim Focus divulgado pelo Banco Central apresentou nova revisão altista para a projeção do IPCA deste ano: ajuste de 4,36% há 4 semanas para 4,89% (oitava alta consecutiva), leve ajuste para 2027 (de 3,85% para 4,00%) e para 2028 (de 3,60% para 3,64%), mantendo o patamar para 2029 (3,50%). Dessa forma, tivemos também revisões para a taxa Selic, com revisão altista para a projeção deste ano, encerrando em 13,00% (ante 12,50%), para 2027 (de 10,50% para 11,00%) e manutenção no patamar 2028 (10,00%) e ajuste para 2029 (de 9,75% para 10,00%).

Com o mercado de olho nos desdobramentos da guerra no Irã e de negociações de cessar-fogo, além dos resultados das pesquisas eleitorais, a curva de juros real apresentou abertura nos vértices mais curtos e fechamento nos vencimentos a partir de 2032. Dessa forma, os índices IMA-B 5 e IMA-B renderam 1,32% e 1,81%, respectivamente.

### Curva de Juros Real



No cenário internacional, o mês ficou marcado pelas atenções voltadas aos comunicados dos BCs e em segundo plano, os indicadores econômicos. Nos EUA, tivemos dados mistos de PMIs e ISMs, leitura final do PIB do 4º tri em 0,5% (vs 0,7% da leitura anterior, marcado pelo *shutdown*), assim como PIB do 1º tri em 2,0% (vs 2,2% esperado). Ainda, tivemos divulgação de Payroll melhor do que esperado. De acordo com a ferramenta *Fedwatch*, as chances de manutenção para as próximas reuniões ainda se mantêm elevadas até o final do ano, cenário corroborado pelo *dot plot* do FOMC.

Na Europa, tivemos como destaque o dado preliminar do PIB do 1º tri, apontando arrefecimento do crescimento econômico na região, assim como indicadores como piora no sentimento industrial, de serviços e do consumidor, representativo do impacto da guerra do Irã para a economia do continente. Ainda, tivemos decisão do BCE, com manutenção do atual patamar e postura mais *hawkish* de Lagarde, mencionando que um possível aumento foi discutido longamente pelos dirigentes, após salto nos indicadores de inflação. Na China, o mês foi misto, com destaque para a balança comercial (fraqueza nas exportações contrabalanceado por forte incremento nas importações), em oposição aos dados de vendas no varejo, que vieram negativos, e ao aumento na taxa de desemprego. Por outro lado tivemos como positivos a produção industrial e PIB do 1º tri, levemente acima das expectativas.

Em relação às *commodities*, o petróleo apresentou forte volatilidade ao longo do mês, atingindo uma máxima de quatro anos, porém, encerrando em US\$ 114,01/barril o Brent (+9,73% no vencimento de junho). O noticiário continua relevante, com a ausência e ansiedade pela divulgação de um cessar-fogo, contando com bloqueios por parte do Irã e EUA no estreito de Ormuz, resultando em baixa movimentação e oferta ainda bastante restrita; somado à saída dos Emirados Árabes Unidos da OPEP, enfraquecendo o cartel e adicionando volatilidade aos preços. Já o minério de ferro teve também alta, no entanto em menor magnitude, diante de sinalização de estímulos econômicos na China e maior estabilidade na demanda, assim como menor oferta diante do aumento do preço do petróleo.

O Ibovespa apresentou forte oscilação ao longo do mês, chegando a marcar recorde histórico (encostando nos 200 mil pontos) na primeira quinzena, recuando 7% desta máxima até o final do mês, e contando com uma valorização no último pregão, encerrando em leve perda (-0,08%), aos 187.318 pontos, ainda acumulando alta de 16,26% no ano, porém, nível ainda abaixo do pré-guerra. Por outro lado, o dólar fechou o mês em queda de 4,38% frente ao real, negociado aos R\$ 4,95 e no ano acumula desvalorização de 9,78%. Para o mês de maio, as expectativas se concentram na maior probabilidade de um cessar-fogo, sinalização esta já observada nos preços de petróleo (recuam abaixo dos US\$ 100/barril), o que pode contribuir para renovação do apetite ao risco observado em abril nos EUA e em alguns países, como Coreia do Sul. Com isso, é esperada uma reprecificação para os principais BCs globais, a despeito de um cenário esperado no curto prazo de menor previsão de crescimento econômico global e impacto inflacionário.

